



Rio de Janeiro, 4 de novembro de 2013

DECLARAÇÃO - A QUEM POSSA INTERESSAR

O montanhismo é uma prática esportiva e de lazer que se caracteriza pela ascensão em montanhas e elevações rochosas, por meio de caminhadas ou escaladas, com diferentes graus de dificuldade e tempos de duração. O termo “montanhismo” abrange as seguintes atividades e suas práticas derivadas: caminhadas em montanha (de curta e longa distância, eventualmente incluindo pernoites); escalada em rocha (esportiva e tradicional); escalada em gelo e neve; alta montanha; bouldering e escalada em muros artificiais.

A Confederação Brasileira de Montanhismo e Escalada (CBME) é a entidade que organiza e representa os montanhistas e escaladores brasileiros e difunde o esporte dentro dos altos padrões de segurança e responsabilidade. A CBME é formada por 36 entidades, agrupadas em 11 agremiações: Federações de montanhismo dos Estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Ceará, Associação Capixaba de Montanhismo, Clube Baiano de Montanhismo e Associação de Escaladores do Rio Grande do Norte.

O montanhismo brasileiro, com seus mais de 100 anos de prática, cunhou ao longo do tempo seus princípios e valores, que foram sintetizados no documento ‘Princípios e Valores do Montanhismo Brasileiro’ (CBME, 2012¹). Dentre os 11 princípios que guiam e norteiam a prática da escalada no nosso país, cabe citar aqui o de Responsabilidade Pessoal:

“A escalada e o montanhismo possuem riscos inerentes que devem ser conhecidos e aceitos por seus praticantes. Cada escalador e montanhista deve ser responsável por escolher seus próprios desafios e seu nível de comprometimento de acordo com sua experiência e capacidade técnica, tornando-se responsável por sua própria segurança. Esse é um dos princípios mais intrínsecos ao montanhismo.” (CBME, 2012)

A segurança de cada escalador depende do seu próprio julgamento, baseado numa instrução competente, experiência e conhecimento de sua real habilidade de escalar. Esse julgamento inclui a avaliação das proteções e o entendimento que toda e qualquer proteção ou equipamento está sujeito à falha, e cabe ao escalador julgar as condições e assumir os riscos da atividade. A prática do montanhismo e da escalada pressupõe que os praticantes conheçam os riscos envolvidos, assumindo as responsabilidades

¹ CBME. **Princípios e Valores do Montanhismo Brasileiro**, 2012. Disponível em: <http://www.cbme.org.br/noticias/noticias/26-cbme/65-principios-e-valores-do-montanhismo-brasileiro>

associadas a tais riscos. É parte inerente do montanhismo que cada escalador tenha a autonomia de escolher seus próprios desafios, escaladas, equipamentos e como escalar.

Nesse sentido, cabe ressaltar que em uma escalada, as decisões são tomadas, de uma maneira geral, em conjunto, uma vez que ambos escaladores tenham um nível de experiência similar. Em uma cordada onde um escalador possui maior experiência, este acaba assumindo a maior parte das decisões e escolhas, incluindo, mas não se restringindo à via escolhida, equipamentos, procedimentos, etc. De uma maneira geral, esse escalador mais experiente é na maioria das vezes o guia da cordada, ou seja, aquele que vai subir primeiro, estabelecendo o sistema de segurança e tomando as decisões associadas a tal papel.

Cabe também o esclarecimento de algumas questões técnicas relacionadas ao uso dos dispositivos GRIGRI e ATC em escalada.

O GRIGRI é um aparelho de segurança largamente utilizado, principalmente, em escalada esportiva, um estilo de escalada com vias equipadas com proteções fixas, pouco espaçadas entre elas, que tem como objetivo a superação técnica e a excelência atlética. São vias geralmente, curtas, com até uma enfiada de corda, sendo que a maioria raramente ultrapassa os 30 metros de altura. Nessa configuração o assegurado está sempre localizado no chão enquanto dá segurança para o escalador.

O GRIGRI tem aplicação limitada em vias de escalada com tamanho maior, as vias de escalada tradicionais, de várias enfiadas de corda, ou seja, onde o assegurado estará dando segurança para o escalador a partir de uma parada no meio da parede de escalada. Entre as limitações do GRIGRI para vias tradicionais, destacam-se:

- O risco do GRIGRI se chocar com o mosquetão direcionador ou a própria proteção durante a queda do guia e desbloquear o aparelho, ocasionando uma queda maior do guia.
- O fato do GRIGRI ser um freio estático, o que acarreta maior impacto na proteção que segura a queda. Este impacto maior poderia eventualmente ocasionar que a proteção se solte.

O uso quase que exclusivo do GRIGRI em escalada esportiva se confirma ao analisar o manual do fabricante, que não menciona sua utilização na situação de vias tradicionais. No referido manual só há informações de como utilizá-lo em vias esportivas, onde quem dá segurança está sempre com os pés no chão.

Já o ATC (bem como plaquetas e outros dispositivos similares) é um equipamento de segurança projetado para todos os tipos de escalada: esportiva, tradicional, alta montanha, etc., além de ser também um ótimo dispositivo para rapel. Essa versatilidade faz com que esse dispositivo seja um dos equipamentos de segurança mais populares em todo o mundo.

Além disso o ATC é um freio dinâmico, mais apropriado para a escalada tradicional, onde nem todas as proteções são de alta resistência.

O ATC funciona criando atrito na corda, a partir do ângulo formado entre a corda que entra no ATC (a corda que vai para o escalador) com a corda que sai (a corda da segurança). O ângulo de 180° é o que oferece o maior poder de frenagem, enquanto que o ângulo 0° ou próximo a tal – quando as cordas estão paralelas - produz pouquíssimo atrito, tornando a interrupção de uma queda bastante improvável.

Quando os escaladores estão em uma parada intermediária no meio de uma parede é necessário que o guia (escalador) passe a corda por uma proteção intermediária entre ele e o assegurado para que esse ângulo de 180° seja possível em uma queda de guia. Sem essa proteção, que chamamos de direcional, a probabilidade de que esse ângulo de 180° não seja atingido é muito grande e além disso existe uma grande probabilidade que a força da queda leve o aparelho para uma posição que faça com que o ângulo se torne perto de 0°.

No caso do acidente com Bruno Mendes da Silva e Andrea Pereira Apolônia, de acordo com o informado no Comunicado da FEMERJ (COM 2012/03²), uma conjunção de fatores técnicos levou à fatalidade. Provavelmente o fator mais importante da causa do acidente foi a ausência de um mosquetão ou costura direcionadora. O guia, no caso o Bruno, tinha quatro opções ao sair da parada onde estava a Andréa:

- 1) Costurar o direcionador e também prender a solteira dele no cabo de aço;
- 2) Costurar somente o direcionador;
- 3) Somente prender a solteira no cabo;
- 4) Não se prender em nenhum local.

Por ter selecionado a 4ª opção, quando o cabo se rompeu Bruno caiu abaixo de Andréa e a ausência do direcionador fez com que a força da queda levasse o ATC para um ângulo de 0°.

É fato conhecido dos estudiosos da área de segurança que acidentes sempre são consequência de uma série de fatores. Nesse caso, além da ausência de um direcionador, enumeramos outros fatores relevantes contribuíram para o acidente:

- O impacto no sistema com uma queda de fator 2, ou seja, um dos impactos mais intensos que se pode atingir em uma situação normal de escalada com corda dinâmica.
- O peso de Bruno de aproximadamente 90 kg, intensificando o impacto;
- O fato de que a corda utilizada era relativamente nova. Cordas novas são mais lisas, o que dificulta o travamento da queda.

2 FEMERJ. Comunicado – Acidente CEPI (FEMERJ COM 2012/03). 2012. Disponível em: <http://femerj.org/images/arquivos/FEMERJ-COM-2012-03-Acidente-CEPI.pdf>



Confederação Brasileira de Montanhismo e Escalada

- O fator surpresa do cabo ter se rompido, algo que nunca aconteceu e pelo qual eles não esperavam.

Considerando as evidências enumeradas no Comunicado da FEMERJ supracitado, entendemos que, nas circunstâncias presentes no momento do acidente, Andrea estava utilizando um equipamento adequado, agiu corretamente e utilizou procedimentos adequados para travar a queda de Bruno.

Caso necessário, a CBME permanece à disposição para esclarecer as questões técnicas necessárias para melhor entendimento da situação,

Atenciosamente,

Silverio Nery

Presidente da CBME